

Fonte tipográfica Clarim Fonética: um tipo de letra ao som da língua portuguesa

*Typographic font Clarim Phonetics: a typeface
to the sound of the Portuguese Language*

JORGE DOS REIS*

Artigo completo submetido a 1 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio de 2016.

*Portugal, designer gráfico. Doutoramento Design de Comunicação, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL). MPhil Communication Art and Design, Royal College of Art. Mestrado Sociologia da Comunicação, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Licenciatura Design de Comunicação, FBAUL.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, CIEBA — Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: the.jorge.dos.reis.studio@gmail.com

Resumo: O tipo de letra ou fonte tipográfica CLARIM FONÉTICA constitui um alfabeto que parte da fonética das vogais e das consoantes da língua portuguesa para chegar às suas formas e assim as moldar graficamente a partir da sonoridade individual de cada uma. Deste modo o aluno pode aprender a ler com uma visualização imediata do som de cada letra do português sendo a ligação fonema-grafema absolutamente directa e perceptível, sem se alterar a ortografia tradicional.

Palavras chave: tipografia / fonética / leitura / ensino / escola.

Abstract: *The typeface or typographic font CLARIM FONÉTICA is an alphabet that takes the phonetics of the vowels and consonants of the Portuguese language to reach its forms and so graphically shape them from the individual sound of each one. In this way the student can learn to read with an immediate visualization of the sound of each letter of the Portuguese — being the phoneme-grapheme connection absolutely direct and noticeable, without altering the traditional orthography.*

Keywords: *typography / phonetics / reading / teaching / school.*

Introdução

Na procura de instrumentos pedagógicos para a resolução dos problemas da aprendizagem da língua portuguesa e sua fonética, será também a tipografia uma entidade fundamental no encontrar de formas que solucionem as dificuldades funcionais da vida no quotidiano. Deverá com certeza a forma das letras evoluir. As suas convenções formais deverão transformar-se. Em certas situações os velhos símbolos tipográficos poderão ser substituídos por novos caracteres similares ou diferentes e até completamente novos. Com esse intuito construiu-se para este estudo uma fonte tipográfica denominada *CLARIM TEXT*, com preocupações de legibilidade textual e uma segunda fonte denominada *CLARIM FONÉTICA* baseada na pronúncia dos sons da língua portuguesa. A cada fonema, a cada som, é atribuído um símbolo tipográfico. Com a variação gráfica dos caracteres básicos correspondendo à variação de som haverá um acesso mais intuitivo, implicando um esforço menor na leitura. Este conceito está directamente associado à palavra falada: Ouvir, falar, escrever e ler somados numa dimensão ortográfica. São os constrangimentos da leitura quotidiana que antes de mais motivam estas famílias de caracteres laboratoriais enquanto elementos de investigação e estudo de literacia tipográfica no quotidiano. A psicolinguística contemporânea tem mantido uma relação estreita entre a linguagem escrita e a linguagem falada; tem colocado a ponta riscadora do compasso na consciência fonológica. Contudo nunca se preocupou em perceber e investigar conteúdos de dimensão tipográfica.

1. O processo de leitura

A exigência social da leitura e sua eficácia pessoal tem vindo a crescer com a sociedade da informação e as suas intensas ramificações sectoriais. A este propósito José Morais refere que “as funções sociais e económicas da leitura e da escrita multiplicam-se em número e em importância como nunca acontecera antes. As necessidades de formação e de informação exigem invariavelmente leitura e muita leitura” (Morais, 1997:20). Este autor convoca para a sua análise o conceito de literacia no sentido de que a escrita invadiu todas as plataformas de comunicação, outrora, informação falada. Recorrendo mais uma vez a Morais, este convoca o conceito de literacia e aprendizagem de leitura dado que “para lá do atraso observado nas capacidades de leitura da população em relação às exigências da tecnologia actual, o facto de muitas crianças falharem na aprendizagem da leitura constitui um grave problema social. Os desaires e, de maneira mais geral, as dificuldades ou os atrasos de leitura manifestam-se desde o primeiro ano do ensino básico” (Morais, 1997:23).

A capacidade de leitura só pode ser analisada em profundidade realizando

uma abordagem científica quer pelo lado da psicologia quer pelo lado da fonética. No centro desta análise científica, está a letra, a tipografia, o reconhecimento do caractere tipográfico. O caractere fonético aqui concebido (*CLARIM FONÉTICA*) assenta na diferença da complexa conversão grafema-fonema da leitura e da conversão fonema-grafema que se efectua na escrita. São muito poucas as letras da língua portuguesa que se pronunciam sempre da mesma maneira: b, d, p, t, q, f, v, j, ç. Das restantes, consoantes e vogais, nenhuma tem uma só pronúncia. O exemplo mais recorrente é o /s/ que entre vogais se pronuncia [z] e noutros casos [s].

O número de pronúncias diferentes de cada letra cria à criação dificuldades suplementares na aprendizagem da leitura. Uma necessidade de memorização constante está associada à leitura fluente. A memorização visual das letras ou das palavras é uma das necessidades para escrever correctamente em português. A sedimentação de competências ortográficas na escrita e de competências fonéticas na leitura do português obriga-nos a olhar mais de perto para a estrutura e morfologia da nossa língua.

2. Um caractere fonético experimental para leitura quotidiana e ensino da língua portuguesa — CLARIM FONÉTICA

Os estruturalistas, particularmente Noam Chomsky e Morris Halle, estabelecem uma ponte directa entre o símbolo gráfico correspondente acústico e fisiológico da oralidade. No seu “Sound Pattern of English” (Chomsky & Halle, 1968) constroem um mosaico de sons universais. É de registar o facto de estes investigadores procurarem fechar o problema, registando todos os sons que o homem pode produzir na oralidade e em todas as línguas. O alfabeto fonético internacional é um referencial, não funcionando como artefacto de comunicação, basicamente porque corrompe os símbolos gráficos que usamos na escrita. A palavra /casa/ escreve-se então no alfabeto fonético [ˈkaza]. O caractere /c/ que inicia a palavra é substituído por [k] e o caractere /s/ por [z] correspondendo a uma perda de identidade das letras. Basicamente, o princípio de *CLARIM FONÉTICA* é não alterar o desenho das letras, produzindo um desenho gráfico diferente para a mesma letra mas dentro do mesmo padrão e personalidade gráfica para que seja fácil de englobar na mesma família tipográfica sem gerar conflitos ou confusões. Ainda sobre a palavra /casa/, reparamos que o segundo /a/ se transforma num novo símbolo [a] para realizar o timbre mais fechado que esta letra adquire na língua portuguesa. Desta forma o caractere *CLARIM FONÉTICA* apresenta um mesmo /a/ com duas variações. Uma primeira para o [a] aberto e para o [a] semi-fechado.



Figura 1 - CLARIM FONÉTICA — vogais orais. Fonte: Própria.

Figura 2 - CLARIM FONÉTICA — vogais acentuadas.
Fonte: Própria.

Vogais

As primeiras grandes divisões perceptíveis nas três imagens de apresentação de *CLARIM FONÉTICA* são as vogais orais, acentuadas e nasais. As vogais orais, num total de nove apresentam as características das articulações e do próprio timbre. Assim, as vogais abertas e semi-abertas { /a/-[a]; /e/-[e]; /o/-[] }, que se formam quando a passagem do ar se faz na câmara de ressonância com a elevação do dorso da língua em direcção ao palato, têm uma expressão gráfica mais aberta e clara. Em *CLARIM FONÉTICA*, a letra /o/ de /bola/ é bem redonda e o olho da letra bem aberto. As letras /a/ e /e/ de /rato/ e /vela/ são também muito abertas graficamente. Com o encolher do tubo de ressonância quando a língua se eleva, as vogais resultantes são semi-fechadas, /a — [a]; /e — [e]; /o — [o]. Em /cama/, /medo/ e em /mosca/. Podem também ser completamente fechadas em: /i/ — [i]; /u/ — [u]; respectivamente: /bilha/ e /fuga/. Nestes casos, o desenho tipográfico de *CLARIM FONÉTICA* é mais contido e fechado conforme se pode observar nas páginas anteriores. A letra /o/, tendo um timbre enegrecido apresenta no seu interior uma superfície negra. Estas soluções gráficas são utilizadas quer se tratem de vogais tónica orais, quer se trate de vogais átonas; são assim grafadas da mesma maneira. Além destas oito vogais observadas, temos ainda a vogal fechada /e/ de /regar/ e a vogal /e/ lida [i] em /ele e ela/ que têm toda a conveniência em serem distinguidas visualmente dada a sua especificidade (Figura 1).

Além das vogais orais existem também as vogais acentuadas que mantêm a ortografia tradicional. No caso da letra em causa ser acentuada no contexto da palavra, a letra surgirá sem caracterização gráfica e portanto acentuada, visto que é o acento que vai desempenhar as funções de descrição fonética (Figura 2).

No seguimento, as vogais tónicas nasais apresentam no seu desenho tipográfico algumas particularidades de eficácia na leitura. Estas vogais em número de cinco, são sempre fechadas ou semi-fechadas. O seu desenho reflecte o facto de termos que subir a circulação do ar para as narinas, daí a letra ser ligeiramente elevada. A sua ligação à consoante /m/ e /n/, conforme a palavra, no caso de preceder um /b/ ou um /p/, forma uma ligadura entre a vogal e a consoante /m/ ou /n/ pois trata-se de um único fonema, como seja a palavra /tampa/ (Figura 3).

Consoantes

As dezanove consoantes que formam a língua portuguesa são articuladas de forma diferente das vogais. Assim, a sua formação sonora não se faz com a passagem do ar pela cavidade bucal sem restrições. Nas consoantes existe sempre

clarim~fonética

Vogais Nasais

an en in on un
 aṅ eṅ iṅ oṅ uṅ
 anḡ em

| | | | |
|----|-------|----|--------|
| an | rampa | aṅ | canção |
| en | tempo | eṅ | tenda |
| in | rim | iṅ | tinta |
| on | bonba | oṅ | ponto |
| un | atun | uṅ | frango |

| | | | |
|-----|--------|----|--------|
| anḡ | canção | em | canção |
|-----|--------|----|--------|

clarim~fonética

Consoantes Oclusivas

c b d t g p q

| | |
|---|---------|
| c | cama |
| b | bala |
| d | dedo |
| t | testa |
| g | grito |
| p | pala |
| q | questão |

Figura 3 - CLARIM FONÉTICA — vogais nasais. Fonte: Própria.

Figura 4 - CLARIM FONÉTICA — Consoantes oclusivas. Fonte: Própria

na boca uma barreira total ou parcial que num instante as interrompe ou comprime sem as impedir de sair para o exterior da boca formando a oralidade.

As consoantes oclusivas são aquelas que são formadas por uma barreira que momentaneamente interrompem a sua passagem. As consoantes /c/ — [k]; /q/ — [k]; /b/ — [b]; /d/ — [d]; /p/ — [p]; /t/ — [t]; /g/ — [g]; são oclusivas: **cama, bala, dedo, testa, grito, pala, questão**. O seu aspecto revela esse choque sonoro. A letra /c/ apresenta duas linha terminais como que esmagando o ar que se encontra no olho da letra. Os grafos /p/, /d/, /b/, /q/ apresentam uma expressão circular algo condensada (Figura 4).

As consoantes constrictivas são aquelas que são comprimidas pela boca enquanto passam na cavidade sonora. Dentro destas existem as *fricativas, laterais e vibrantes*. As fricativas são formadas por um orifício muito estreito formado no centro do interior da boca, resultando uma sonoridade arrastada e ligada. Sendo assim, podemos ver as consoantes /f/-[f] **fuga**; /g/-[j] **girar**; /j/ [ʒ] **jan**tar; /v/-[v] **vento**; /c/-[s] **macia**; /ç/-[s] **maçã**; /s/-[s] **sal, massa**; /s/-[s] **teste**; /s/-[z] **mesa**; /z/-[z] **zangão**; /ch/-[ò] **china**; /x/-[ò] **xangai**; /x/-[s] **exposição**; /x/-[s] **próximo**; /x/-[z] **exame**; /x/-[ks] **sexo** (Figura 5).

Do ponto de vista gráfico: Os três traços da letra /f/ retratam a expiração do ar ao sair da boca. A consoante /g/ ganhou um *pinta* por se ler [j]. O bico no interior da letra /v/ retrata de igual forma a saída arrastada do ar. A letra /c/ ganhou um /s/ no seu interior para não se ler [k], sendo que a cedilha não desaparece na palavra /maçã/. O som lânguido da letra /s/ é interpretado pelo movimento repetitivo dos seus traços curvos em **massa** e **sal**. Em /teste/, a letra /s/ é menos pronunciada graficamente visto que não tem a presença sonora do /s/ de /saco/. Em vez de, como no alfabeto fonético, substituir a consoante /s/ por [z], mantemos naturalmente a mesma letra com um pequeno sinal /z/ invertido, no seu interior. Na palavra /zangão/ temos um /z/ bicudo e de aresta viva como forma de entender a aspereza do som entre a língua e os dentes incisivos superiores. O som [] para a palavra chinelo ou china corresponde a um único caractere visto ser um único fonema lido num único tempo. Em **xangai**, a letra /x/ soa também [ò]; ganha um traço repetido como forma de captar o movimento do ar saindo da boca. A consoante /x/ tem ainda o som de [s] em **exposição**; de /ç/-[s] em **próximo**; de [z] em **exame**; de [ks] em **sexo**; sendo assim, nestes quatro casos, a letra /x/ ganha características de *sinalização* com referencias a essas pronuncias.

As consoantes constrictivas são ainda laterais quando a língua se atravessa verticalmente no centro da boca obrigando o ar a circular lateralmente. A língua em contacto com os alvéolos ou com o palato manipula a sonoridade das

clarim~fonética

Consoantes Constritivas Fricativas

ƒ ċ ĵ v ʄ ʒ s s s z ʧ
X X ʁ X ʁ

| | | | |
|---|-----------|---|-----------|
| ƒ | fuga | ʒ | mesa |
| ċ | girar | Z | zangão |
| ĵ | jantar | ʧ | china |
| v | vento | X | xangai |
| ʄ | macia | X | exposição |
| ʒ | maçã | ʁ | próximo |
| S | sal massa | X | exame |
| S | teste | ʁ | seco |

clarim~fonética

Consoantes Constritivas Laterais

l ʎ ʟ

| | | | |
|---|-------|---|-------|
| l | lama | ʎ | miúdo |
| ʟ | malga | | |

clarim~fonética

Consoantes Constritivas Vibrantes

ʀ ʀ ʀʀ

| | | | |
|----|-------|---|------|
| ʀ | marca | ʀ | rato |
| ʀʀ | burro | | |

clarim~fonética

Consoantes Nasais | Oclusivas

m n nh

| | | | |
|---|-------|----|-------|
| m | maca | nh | linha |
| n | nicho | | |

clarim~fonética

Consoante Surda

ħ

| | |
|---|-------|
| ħ | harpá |
|---|-------|

Figura 5 · CLARIM FONÉTICA — Consoantes constritivas fricativas. Fonte: Própria

Figura 6 · CLARIM FONÉTICA — Consoantes constritivas laterais. Fonte: Própria

Figura 7 · CLARIM FONÉTICA — Consoantes constritivas vibrantes. Fonte: Própria

Figura 8 · CLARIM FONÉTICA — Consoantes constritivas nasais oclusivas. Fonte: Própria

Podemos comparar a língua a
 uma sinfonia, cuja realidade é
 independente da forma como
 a executamos; os erros que possam
 cometer os músicos que a tocam
 de modo nenhum comprometem
 essa realidade

claridade

:clarim~text

abcdefghijklmnop

hijklmno

qrstuvwxyz

vwxyzfi

1234567890

1234567890

ã â á à ! ?

Figura 9 · CLARIM TEXT. Fonte: Própria

Figura 10 · CLARIM FONÉTICA — Texto aplicação. Fonte: Própria

palavras: **lama** e **milho**. A consoante /l/ é normal, mas /lh/-[l] corresponde a um único som. Nesse sentido ela corresponde a um único caractere tipográfico. Podemos ainda observar um terceiro som lateral da letra /l/ quando se dá uma velarização sonora neste caractere em palavras como /melga/, /sal/, /Elvas/ ou /malta/ (Figura 6).

Ainda dentro das consoantes constrictivas, há a registar as vibrantes que se formam sonoramente quando dentro da boca se gera um movimento de vibração rápida da língua ou do véu palatino, que criam um espécie de sonoridade *minimalista* e repetitiva, a quando da passagem do ar pela câmara acústica. Podemos observar as três sonoridades diferentes da letra /r/. Na palavra /rato/, a letra /r/-[R] é mais pronunciada e profunda do que em /marca/-[r] onde é mais *enrolada* e *superficial*. Excluímos neste caso as duas pronúncias regionais de /r/: a lisboeta e a do resto do país, dado não ser uma diferença relevante para a construção de uma fonte tipográfica fonética. Quando o som [r] for na ortografia constituído por duas letras como em /burro/, usamos um caractere específico dado que se trata de um único fonema para os dois grafos (Figura 7).

O último grupo de consoantes são as nasais, neste caso, não analisadas, via articulatória, mas sim pelo papel das cavidades acústicas produtoras de sentido sonoro. Sendo assim, todas as consoantes vistas até aqui são consideradas orais, as que veremos em seguida (/m/, /n/ e /nh/) são nasais dado que se faz uso dos canais do nariz para as formar oralmente pois o véu palatino está abaixado (Figura 8). O grafo /m/, realiza-se sonoramente como [m] em /maca/-[maka] e a consoante /n/ pronuncia-se [n] em /nada/-[nada]. O dígrafo /nh/, é um grafema, e só um, que é lido como um único fonema, [ɲ]. Sendo assim, para este último, vamos ter um único símbolo gráfico constituído por uma fusão dos dois sem que, no entanto, nenhum deixe de estar representado ortograficamente; facto que acontece nos três dígrafos atrás observados: /ch/ e /lh/. Finalmente, uma última consoante, aqui dita, surda, pois não tem sonoridade: a letra /h/, que desempenhava um papel importante nos dígrafos atrás analisados, mas que agora é um grafo de uso ortográfico, sem referência óbvia no alfabeto fonético. As letras /k/, /w/ e /y/ não estão representadas em *CLARIM FONÉTICA*, mas poder-se-á recorrer a *CLARIM TEXT* se necessário numa palavra que use este grafo. Recordaria que estas letras apenas se usam em dois casos: quando se transcrevem nomes próprios estrangeiros como seja /marketing/ ou em caso de abreviaturas e símbolos internacionais como sejam /km/ — quilómetro (Figura 9).

O resultado de toda esta descrição é um conjunto de 58 caracteres caixa baixa. A acrescentar a isto estão os números e caracteres especiais. A formação

deste novo alfabeto fonético é assim fiel aos caracteres romanos do quotidiano; não inventa um novo código. É constituída só por sinais gráficos a que chamamos convencionalmente letras. Este conjunto agora ordenado de letras de que nos servimos para transcrever a oralidade continuará a chamar-se alfabeto. Veja-se em seguida um pequeno extracto de um texto do linguista Saussure composto em *CLARIM FONÉTICA* (Saussure, 1999, 47) (Figura 10).

Conclusão

Pretende *CLARIM FONÉTICA* dar conta da pronúncia do português em qualquer texto, em qualquer suporte, em qualquer situação possível, para aprendizagem da língua, para a leitura quotidiana, para múltiplos propósitos específicos. *CLARIM FONÉTICA* tem como postulado central, constituir uma arma de antecipação à iliteracia.

Referências

Morais, José (1997) *A Arte de Ler*. Lisboa:

Cosmos.

Saussure, Ferdinand de (1999) *Curso de*

Linguística Geral. Lisboa: Dom Quixote.

Chomsky, Noam & Halle, Morris (1968) *Sound*

Pattern of English. New York: Harper

and Row.